

MORIN, Edgar: *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Trad. **Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

[Por Jonathas Vilas Boas de Sant'ana*; Regina Célia Alves da Cunha** e Victor Hugo de Paiva Arantes***]

Considerada no contexto da vida e da produção intensa e necessária de Edgar Morin, a obra “Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação” é, na verdade, uma revitalização acerca de todas as suas construções na defesa de um pensamento complexo e pertinente, agora aplicada, embora não reduzida, à educação. Além disto, ser evidente nas temáticas abordadas, o texto é intencionalmente, em linguagem e percurso, uma revelação da vida teórica do autor, quiçá uma demonstração eloquente sobre a arte de viver. Pois, de certa forma, superar não apenas o que se ensina, mas também o que se aprende, faz parte da vida histórica deste autor.

A forma de argumentação de Morin conecta-se em reciprocidade a seu pensar complexo, pois embora a obra seja compreensível em suas partes, ganha sentido apenas na interação entre estas e com o todo. A noção de que o ser humano faz parte de uma história e comunidade de origem comum, que passa pela evolução e hominização, é indissociável da ideia de que todos fazemos parte de uma comunidade de destino na lógica ternária do humano enquanto espécie/indivíduo/sociedade. Estas ideias complementares entrelaçam-se no pano de fundo de todo o texto.

Como obra inaugural da coleção ‘Domínios do impossível’, este livro destina-se a repensar de forma multidimensional os processos educativos, iniciando com o alerta de Morin sobre um problema-chave da vida que cerca o cidadão na era planetária: o conhecimento. As instituições educativas elucidam saberes sem apontar “a natureza do conhecimento, que contém em si o risco de erro e de ilusão” (MORIN, 2015, p. 16), ou seja, o conhecimento “ensinado”, não se configura perfeitamente como a realidade, ele apenas (espera) reproduz(ir) com fidedignidade sua semelhança. A fragmentação e a redução institucionalizada do conhecimento coloca-nos suscetíveis ao risco do erro, do engano pelas interpretações e traduções. Precisamos do reconhecimento de que o conhecimento é sempre tradução do real. São precisos métodos ligados a um pensamento pertinente, para que a visão de mundo construída seja a mais fiável possível.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - MIELT/UEG. E-mail: jonathasvilas@hotmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - MIELT/UEG. E-mail: reginayn@hotmail.com

*** Mestrando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - MIELT/UEG. E-mail: profvictorarantes@gmail.com

Assim, Morin apresenta sua experiência na busca por “conceber os instrumentos de um pensamento que fosse pertinente por ser complexo” (MORIN, 2015, p. 23) como representação da necessidade de toda a humanidade.

Viver o pensamento complexo implica estar consciente de qualquer decisão e das escolhas que se fazem em desafios. Viver é enfrentar as incertezas, os riscos, é confrontar-se com os outros, quer sejam eles os próprios familiares, na busca de compreender e ser compreendido. O ato de viver vai na contramão do sobreviver. Enquanto viver é sintonizar um bem-estar que envolve aspectos psicológicos, morais, de solidariedade, convivialidade, sobreviver é estar privado de alegrias. Sobre-viver é ser tratado como um objeto de aceleração, se habituar ao cronômetro, que não permite sentir, fruir o viver.

Ser humano exige o viver, enquanto saber bem viver, ultrapassando o sobreviver. Viver bem envolve a prosa e a poesia, é uma arte de viver que supera a fragmentação e a racionalidade no equilíbrio com a loucura e a emoção ligadas à complexidade da vida. A educação enquanto processo humano necessita ensinar a viver, o que envolve a superação da atual carência no ensino no que se refere a meditar, refletir, lidar com as incertezas e o inesperado para ter consciência do risco das próprias escolhas.

Sentir tornou-se condição distante, os questionamentos sobre o mundo, a realidade, a verdade, a vida, o homem, não são vivenciados. Não há no humano um controle sobre si mesmo, na medida em que não se experiencie o humano que se é. Vivemos uma vida racional para não assumir riscos. Mas a vida, em essência, é um tecido mesclado: como viver a prosa sem a poesia? “Precisamos da prosa para nos sensibilizarmos com a poesia” (MORIN, 2015, p. 36). É preciso sentir a razão, racionalizando sentimentos – “vive-se muito mal sem razão, vive-se muito mal sem paixão” (MORIN, 2015, p. 37). Por isto, a filosofia deveria ser o motor guia para viver, questionar o sentido humano da vida e abrir a todos a necessidade existencial de pensar, sentir, pensar-se, sentir-se, pensar o outro, sentir o outro – encarar de frente a certeza sobre a incerteza de viver.

No começo do século XX, as incertezas foram colocadas no cerne da pesquisa racionalista. Com a Física Quântica, o determinismo passa a ser insustentável. A incerteza se apresenta como lógica e empírica, rompe com o vício das certezas. O que apresenta ser verdade suscita dúvidas em virtude de teorias que já se encontram obsoletas. A especificidade do saber já não consegue responder à complexidade dos problemas globais. Nesta encruzilhada, é preciso mudar a maneira de conceber o conhecimento científico, a fim de que não haja cegueiras com um conhecimento parcelado. Por isto, o ato pedagógico é incerto, cabendo às incertezas instigarem o movimento de “reco-

nhecer” o conhecimento como caminhos para uma vida integral, evitando estacionar olhares, pensamentos e atitudes.

A cegueira do conhecimento está justamente em acreditar que a verdade caminha em uma única direção, o que faz deixar de lado todas as possibilidades advindas do contexto social em que vivemos. De modo que, seja necessário considerar os espaços globais do próprio conhecimento, também não seja de ignorar os pensamentos analíticos, mas de acrescentar um circuito de religar os conhecimentos uns com os outros.

O desafio então é “navegar em um oceano de incertezas, através de arquipélagos de certezas” (MORIN, 2015, p. 51). Isto é sobre “viver livre”, na promoção de uma educação autônoma que suscita o viver, uma educação para libertar a mente. Liberdade é consciência das implicações que cada movimento provoca; é ecologizar a ação, evitando que a opção feita traga uma degeneração das suas respectivas intenções.

Todavia, enquanto falta de ensinar a viver bem, a educação contemporânea produz e é produzida numa crise multidimensional que envolve a violência, a luta de bioclasses (adultos professores x adolescentes alunos), a economia, o uso das mídias e da Internet. Mas há mais para ser compreendido, há que se aprofundar ainda mais, pois a crise da educação está inserida num cenário crítico ainda maior: são as crises da civilização ocidental, da cultura, da sociedade, da democracia e do conhecimento. As crises estão inseridas num mar de relações, em que a educação deveria ser um barco a possibilitar estratégias para o enfrentamento significativo da realidade.

A disjunção presente entre os elementos culturais, científicos e humanos não permite a criação de caminhos que fujam ao distanciamento do sujeito conhecedor que, por sua vez, não reflete sobre a aceleração desenfreada da ciência. Se não há indagações acerca disto, caminhamos para uma cultura de massas que impregna toda a sociedade por vias midiáticas, desencadeando uma absorção sem total compreensão. A falta de compreensão vai colonizando o interior, o “eu” é escravizado, torna-se local de produção da crise multidimensional. Assim “saber viver encontra-se no cerne do problema e da crise da educação” (MORIN, 2015, p. 69) e do cenário caótico de crises maiores. O caminho vem pelo desafio de saber ensinar a saber bem viver.

Saber viver implica ter compreensão em duas direções: a compreensão intelectual, capaz de dar conta da complexidade das relações entre texto e contexto, global e local; a compreensão humana, como abertura para o outro, empatia, simpatia, saber o que o outro vive. Neste processo é primordial a identificação de humano para com humano, uma relação intersubjetiva que se traduz em abertura para o outro: empatia. Compreender o outro reflete a compreensão que trago sobre mim. Daí que os olhares

diversos por seres singulares se liguem em uma compreensão humanizada, desencadeando uma reforma das mentalidades. Ao passo que se constituem visões humanas aliadas ao pensamento intelectual, cultural, a humanidade se distancia de um estado bárbaro e a visão sobre a humanidade não mais se resume a determinismos, mas sugere a consciência da complexidade humana.

Neste ponto, ensinar a viver faz emergir a necessidade de educar para a compreensão por meio de uma ética da compreensão que seja a sustentação da missão pessoal docente enquanto expressão do Eros pedagógico. Ao mesmo tempo possibilita-se o aprofundamento nos conteúdos da cultura humana e científica e nas relações de vivência entre as bioclasses de adolescentes e professores.

“Introduzir integralmente a compreensão em nossos espíritos seria civilizá-los totalmente” (MORIN, 2015, p. 81), diz Morin. É imperativa uma reforma epistemológica em prol da compreensão, liberta de visões reducionistas, aberta para os riscos e as incertezas, a fim de que os caminhos trilhados sejam conscientes acerca das proposições fundantes. Caminhos estes que instigariam metapontos de vista ao exercitar autocríticas, surgindo posicionamentos éticos e conscientes.

O professor é o condutor deste caminho quando permite-se posicionar sem nada impor, despertar interesses que partam de sua paixão de ensinar. Configura-se aí um processo aberto, dialógico, hologramático, onde “o todo se encontra presente no interior das partes” (MORIN, 2015, p. 84) a fim de superar o reducionismo e a fragmentação do conhecimento que trouxeram ao estado crítico atual. Ser portador do Eros pedagógico é dar abertura para reconhecimentos recíprocos, é a construção de ideias pela percepção de que o outro é diferente, compreende diferente, mas que todos se inserem em meios comuns e podem, por meio de suas ações individuais, propiciar um bem estar, um saber bem viver coletivo.

Conhecer o conhecimento torna-se uma prerrogativa às necessárias transformações na educação. Um conhecimento pertinente ao tempo atual deve reconhecer a possibilidade do erro e da ilusão, encaminhar uma reforma do pensamento que religue os conhecimentos em todos os níveis de ensino, bem como nos sujeitos docente e discente. Fazem parte da possibilidade de religar o conhecimento a compreensão sobre transdisciplinaridade, sistema, causalidade circular, dialógica, hologramática – princípios que sustentam e alimentam o pensamento complexo elaborado por Morin. É a partir daí que o Eros docente se reconfigura enquanto missão de estabelecer um programa de ensino interrogativo, superando a fragmentação dos saberes, fazendo aprender a aprender na relação com os novos saberes colocados pelas ciências ecológicas e da Terra que, por sua vez, sinalizam que a reforma de pensamento deve ser uma

reforma de vida que inclua a solidariedade e o desenvolvimento de uma cidadania planetária.

Inter-relacionada também está a proposição de uma educação que considere e ensine a condição humana. Como objeto de estudo organizador de todo o ensino, a condição humana pressupõe a lógica ternária de que o ser humano é espécie/indivíduo/sociedade, sendo cada uma destas dimensões conectada uma à outra. A educação que se concebe desde esta compreensão coloca com urgência o ensino da identidade terrena por meio da grande narrativa histórica que religa a condição de espécie, de indivíduo e de sociedade de cada um.

Considerando a construção de Morin nesta obra, destaca-se que sua leitura e discussão são imprescindíveis no cenário desafiador da educação atual, não apenas escolar. Aprender a viver e aprender a ensinar a viver diante das incertezas possibilita a busca por novos caminhos que considerem uma antropológica emergente e necessária a todo o processo educacional, construindo ao mesmo tempo a cidadania terrestre e a democracia, a vida hominizada no planeta e a compreensão mútua dos indivíduos como sociedade – insere-se a Terra-Pátria na comunidade planetária.

Recebido em: 07 abril 2016.

Aceito em: 18 abril 2016.